

ARNALDO ROZEIRA

GARCIA DE ORTA



CASTELO DE VIDE

1970

Composição e Impressão da
CASA IBÉRICA — ELVAS

1300 *exs.* — 25-5-971

GARCIA DE ORTA

*CONFERÊNCIA REALIZADA NO SALÃO
NOBRE DOS PAÇOS DO CONCELHO
DE CASTELO DE VIDE, EM 9 DE
AGOSTO DE 1970.*

SUCEDEU com Garcia de Orta o que tantas vezes tem sucedido com portugueses: os outros «fazem eterno capricho de perferir sempre as coisas estrangeiras às nacionais e domésticas» (c. c. BRANCO. «O olho de vidro»).

Vamos buscar fora aquilo que nos sobra, dizemos mal do que possuímos, enganados por uma miragem do exterior, do estrangeiro, sem repararmos que, muitas vezes, o figurino que pretendemos imitar é apertado ou é grande de mais para os nossos hábitos e não temos outro remédio se não alijar parte do que nos pertence, o que nem sempre é útil, pois nos desfazemos do que é válido e aquilo que mantemos, dentro de pouco tempo, está fora de moda, ou de tal modo modificado que para nada serve.

Garcia de Orta é, sob muitos aspectos, um precursor. O único livro que publica, por si só, chegou para o immortalizar e para mostrar a sua grande cultura científica, espírito de observação e o amor pela verdade. Contra o costume é impresso em vulgar.

Numa época em que o latim era a língua internacional dos eruditos, pareceria falta de cultura não o usar no seu livro. Mas Orta teve o cuidado de dizer que escrevera em latim, mas depois o vertera por lhe parecer que em português teria utilidade, naturalmente por ser mais facilmente compreendido pela maioria das pessoas com quem estava em contacto.

Foi talvez um defeito para a difusão dos Colóquios. Mas,

Clusio, na sua viagem a Portugal, encontrou o livro, verificou a sua importância e publicou em 1567 uma tradução ou antes um resumo em latim. E todo o conhecimento que durante muitos anos se tem é o derivado do resumo latino de Clusio, ou das citações de Cristovão da Costa, outro português que estacionara na Índia, onde naturalmente conhecera Orta e o seu livro.

Clusio teve em alta conta os Colóquios. Na epístola dedicada do *Aromatum et Simplicium*, o epítome dos Colóquios, declara: «Nesta viagem pela Espanha encontrei por acaso um livro que, nascido em Goa, fora trazido recentemente da Índia Oriental. Tinha sido escrito na língua lusitana e essa redacção agradou-me tanto que resolveu-se publicar a história das plantas índias e dos aromas. Depois de todo lido depreendi que não fora escrito com título falso. Efectivamente recorda muitas plantas que, de algum modo, foram descritas pelos antigos e trata dos aromas que foram descritos mas não bastante aprofundados por eles. Afligia-me bastante que estivesse escrito numa língua que por poucos era compreendida».

Em 1605, o mesmo autor publica o *Exoticorum libri decem* em que os livros 7.º e 8.º são o resumo de 1567 ampliado com diversas notas, quer a cada capítulo, quer na parte final.

Foi por esta tradução resumida de Clusio que os Colóquios foram conhecidos na Europa. A edição de Goa, por diversas vicissitudes transformou-se numa raridade bibliográfica e foi assim caído no esquecimento.

Com Garcia de Orta sucedeu o que aconteceu a diversos grandes homens. No seu tempo são mal conhecidos ou apreciados, no seu país são pouco mais que desconhecidos, até que, lembrados mais tarde são estudados sob todos os aspectos, mesmo aqueles que, talvez para eles, fossem de somenos interesse.

Na realidade durante mais de 300 anos os Colóquios são quase desconhecidos na sua edição princeps, mas no fim do século passado começa a notar-se uma grande reacção. Pretende-se fazer uma nona edição do livro, edição que só é realizada em 1872 por Varnhagen, Visconde de Porto Seguro. Em 1891 é que se fez uma edição comentada e com notas valiosas devida ao Conde de Ficalho.

Graças a Deus que, no ano do 4.º centenário da 1.ª edição dos Colóquios, a Academia de Ciências de Lisboa deu à estampa

a edição facsimilada da de Goa, a Junta de Investigação do Ultramar publicou a tradução do epítome devida a Clusio e do Tratado das Drogas e Medicinas das Índias Orientais que Cristovão da Costa, que andara pela Índia e tivera relações com Orta, publicou em 1578.

Ficamos assim com três dos livros excelentes para estudar e conhecer os Colóquios quer na sua edição original, quer no resumo de Clusio e, naquilo a que de algum modo podemos chamar, adaptações de Cristovão da Costa.

A Junta de Investigações do Ultramar no mesmo ano publica um número da Revista que sempre teve por patrono o nosso homenageado, em que saíram a lume estudos dos mais competentes especialistas, quer sobre os diversos assuntos que se podem estudar nos Colóquios, quer sobre a vida de Garcia de Orta, que aliás já tinha sido em grande parte estudada pelo Conde de Ficalho em Garcia de Orta e o seu tempo, e por outros.

Depois de percorrer de modo tão rápido os estudos feitos pelos diversos autores à cerca de Garcia de Orta, quer anteriormente quer a quando do centenário dos Colóquios, pouco ou nada poderemos adiantar. Por isso foi com manifesta falta de vontade que resolvi aceitar o convite tão amável quanto honroso que me fez o meu amigo Eng.º Malato Beliz. Amável, pois que a amabilidade é seu apanágio e a sua amizade é a responsável por estar aqui presente. Honroso, porque homenagear, de qualquer modo, aquelas personagens que nos antecederam, dá sempre honra a quem o faz.

No caso presente a maior dificuldade é encontrar alguma faceta da vida dessa pessoa que tivesse sido menos conhecida. Para isso seria necessário ser dotado de sorte extraordinária para ter qualquer documento ou achega em assunto tão explorado e por pessoas de tão elevada competência.

Como sabemos a única obra de Garcia de Orta são os «Colóquios dos Simples e Drogas he cousas medicinais da Índia». Escrito em português, pouca importância teve na Europa, a não ser, como vimos, pelo epítome de Clusio.

Para bem conhecermos a fisionomia de Garcia de Orta temos de nos integrar no seu tempo. Conhecer os usos e costumes,

principalmente, os hábitos daquelas pessoas que ocupariam posição igual à do homenageado.

Licenciou-se em medicina nas Universidades de Salamanca e Alcalá. Não se sabe pròpriamente em qual foi que recebeu o Grau, mas é certo que em qualquer delas *ouve* lições de matéria médica.

De regresso a Portugal começou por exercer nesta terra de Castelo de Vide, sua terra natal e, mais tarde, vai para Lisboa para professor da Universidade.

Não nos interessa estudar o papel de Orta, pròpriamente como físico, ou seja como médico. O que nos interessa é saber quais foram os conhecimentos que possuía nesta altura, pois que está em vésperas da partida para a Índia onde se tornará grande.

Não há dúvida que as Universidades onde aprendeu, eram, na época, das melhores da Europa. Tanto a Salamanca como a Alcalá acorriam milhares de alunos de toda a península e também de França.

Neste tempo, medicina e farmácia estavam bastante unidas. E, com elas relacionadas, a Zoologia e a Botânica, então ainda não independentes e, que eram estudadas como matérias subsidiárias da arte de curar.

O método de estudo era muito diferente do actual. Quatro séculos se interpõem entre Garcia de Orta e nós. Mas não é só o tempo, é principalmente a maneira diferente como encaramos os problemas. Racionalistas, friamente calculistas, tendo por medida do mundo a nossa pessoa, duvidando de tudo e de todos, tendo como certo sòmente nós próprios, todos nos supomos, em maior ou menor grau, auto-suficientes e, por isso, não precisando de seguir nenhum modelo.

Nos tempos de Orta, havia uma alta consideração pelos autores antigos, consideração que raiava pela idolatria. O que esses autores dissessem era verdadeiro, mesmo quando as aparências eram contra eles.

Ainda que na realidade, a vida de um homem seja um todo, há facetas que se desenvolvem mais, em que ele brilha com mais esplendor. Assim, embora Garcia de Orta pertença àquela geração que começa a corrigir os mestres antigos, que entre a observação e os argumentos de autoridade, optam pelas conclusões

derivadas da experiência, teremos de estudar o papel que desempenhou no conhecimento da botânica, particularmente das plantas orientais.

Quando estudante e quando professor em Lisboa, (foram pouco mais de três anos), Garcia de Orta estudou e ensinou como era moda naqueles tempos. As plantas interessavam pelos seus efeitos medicinais, os textos seguidos e comentados tinham sido na maior parte, recebidos na Europa através dos árabes e já comentados por eles. É com esta Ciência e este método científico que Garcia de Orta, na qualidade de físico, vai acompanhar o seu amigo e protector Martim Afonso de Sousa que tinha sido nomeado capitão-mor do mar da Índia.

Por lá fica, e em 1563, quase 30 anos depois, dá à estampa em vulgar os Colóquios dos Simples e das Drogas.

Se os lermos verificamos, como todos sabem, que Orta não se limita a descrever os simples e as drogas, os seus efeitos, o uso que tinham para a física, como então se dizia, mas que se refere a várias plantas não medicinais, comestíveis ou aromáticas.

O livro é escrito em forma de diálogo, em que intervem ele e outro licenciado espanhol, Ruano, personagem não real. Este fala do que disseram os autores antigos, ou pergunta coisas que deseja saber, e Garcia de Orta vai respondendo com aquilo que, com os seus conhecimentos e por sua experiência foi aprendendo. E justifica quando Ruano expendia as opiniões dos antigos, do seguinte modo: «Digo que se sabe mais em hum dia agora pellos Portuguezes, do que se sabia em 100 anos pellos Romanos...» Por isso mesmo, porque os portugueses com as suas viagens descobriam não só terras desconhecidas mas ampliavam conhecimentos científicos.

No entanto Orta queixava-se dos boticários portugueses. Ao referir-se aos boticários indianos, afirma «...mas os boticários da Índia ganhão mais pelo trato que polla botica...» ao que Ruano responde: «mais curiosos são os nossos boticarios em Espanha com sua pobresa, porque cresce o amor do dinheiro, quando elle mais cresce». (I, 62). E mais adiante escreve «...mas são os boticarios portuguezes pouco diligentes em haver mézinhas, e muito em haver dinheiro...» (II, 74).

Orta, nos Colóquios, de vez em quando aparece como

moralista, mas desta vez talvez não tenha completa razão. É certo que em todos os tempos se podem acusar os *boticairos* e os outros de serem diligentes em *haver dinheiro*, mas quando se vêm os problemas à distância, da Índia para a Europa, é natural que eles nos apareçam mais ou menos deformados. A falta de interesse na procura da *areca* ou outra droga, podia ser por pouco conhecida ou pouco utilizada.

Mas o que mais sobressai nesta obra é o amor de Orta à verdade. Usa-a para correcção dos antigos, quando as afirmações não estavam correctas, e sempre dá a sua opinião indo ao encontro à dos outros sempre que é necessário fazer correcções.

A propósito de *aloes*, Orta responde «Não diz Mesue milhor, mas diz menos mal que os outros...», a respeito de *canela*, afirma: «A mim, como testemunha de vista mais baixo que todos os médicos se ha de dar mais fé que a esses padres da medicina, que por falsa enformaçam escreverão (I, 208).

A propósito do *espiquenardo*, em resposta às afirmações de Ruano sobre o que tinha escrito Dioscorides, afirma: «Eu não conheço outro esquinardo nesta terra, senam o que já vos dixei... E asi estas terras, como outras muito mais avante, tudo he Índia» (II, 295). E por alguns autores afirmarem que vêm da Índia coisas que lá se não encontram diz: «Muyto melhor dixeram que não he esta Índia... senam que he outra que nós não sabemos»... (II, 295).

Quando se refere (o licenciado Dimas Bosque) ao marfim mineral citado por Laguna, Orta responde «Fala esse Laguna huma cousa tam fora de rezam, que ouve vergonha de reprehender isto... elle não alegua autor algum que o digua; asi... com ele fique o erro» (II, 379). E logo a seguir, afirma que lhe tinha confundido o nome, porque tinha conhecido em Alcalá um Torrelaguna e folga por o não ser, pois era amigo dele.

Isto mostra que embora Orta fosse amigo da verdade também o era dos seus amigos, por isso não se referia aos erros muito graves deles. A respeito de *Fuchsio* que «diz que não há marfim verdadeiro no mundo» (II, 379) afirma na mesma página: «Há umas mentiras tão grossas, que não he bem, nem merecem ser reprehendidas» (II, 379). E, como Fuchsio tinha passado para o protestantismo, «me vieram avorrecer suas obras; e ainda que a

medicina não he ciencia de religião cristan, . . . foi muyto desengonhado em dizer que não havia *marfim* verdadeiro . . . Parece que os Luteros devem ter no inferno algum *marfim* que seja guardado para elles». (II, 380).

Ainda a respeito da franqueza e sinceridade de Orta, ele afirma : «Nenhuma cousa sei, que logo o nam diga aos boticairos e físicos e a todos . . . nam he bom para mim, porque dizem depois que elles acharam estas cousas, e levão a glória de meus trabalhos, e eu nam o digo, senam por aproveitar a todos» (I, 182).

E, à cerca da mentira diz pela boca de *Ruano* : «Afora dizelo hum rey não tendes outra prova ; porque ainda que se diga comumente palavra de elrey he proverbio, não quer dizer, que nam mentem os reys, senam que nunca haviam de mentir, pois sam reys» (II, 394).

Em todo o livro se pode verificar este amor pela verdade. Se não tem dúvida em corrigir autores profanos, «he porque se sabe mais agora em hum dia pelos Portuguezes do que se sabia em 100 anos pelos romanos» (I, 210), quando se trata de autores sagrados tem mais cuidado. É de notar o que disse à cerca de uma fábula repetida por Santo Izidro sobre o modo de colherem a pimenta ; quando está madura, fazendo queimadas por causa das serpentes, «tirando Santo Izidro, que com ser Santo e de muita autoridade . . . mas eu falando . . . a verdade, tenho estas cousas por fabulosas . . . e que Santo Izidro não falou isto porque elle o crese, senam por relatar os ditos dos outros» (II, 245).

Quando mostra maior inteireza de carácter é quando se atreve, ainda que com muito jeito, a corrigir o próprio Santo Agostinho.

Ruano tinha dito « . . . peço que comamos aquelle pavão . . . porque dizem que é carne, que não apodrece. E isto não é fábula, porque além, de o dizerem Plínio e outros historiadores, o diz Santo Agostinho» (II, 398) e Orta responde : « . . . porém he esta terra tam sugeita à putrefação que não dura o pavão mais sem apodrecer do que dura a perdiz . . . ». E que isto não era como pretendia Ruano por ser na «fralda do mar», refere Orta que mesmo no «Balagat comi mais pavões que em nenhum cabo . . . quis esprementar isto, e achei que apodrecião mais, que cá em Goa . . . » (II, 399).

Mas, como a refutação era séria, tomou o cuidado, contra o costume, de distinguir: «... que essas propriedades que lhe lá achão não lhes achamos cá; e os que escreveram isso la dessa Europa disseram verdade; e nós dizemos verdade, falando nesta terra que conhecemos» (II, 399).

Nos Colóquios Orta só refere aquilo que entende ser verdade. No final do Colóquio do *encenço*, em resposta a *Ruano* que diz havê-lo nas Américas, afirma: «Eu não digo as cousas senam que sei bem sabidas, ou ditas por pessoas dignas de fé. E isso que dizeis dos escritores das Índias ocidentais já o li, mas como o nam vi não sei dizer se é verdade ou não» (II, 254). Esta atitude de dúvida em relação às coisas americanas citadas por espanhois é constante no livro como se pode verificar, por exemplo, no Colóquio do *diaman*.

Garcia de Orta vivia em Goa onde na altura da publicação dos Colóquios já estava instalada a Inquisição e, por isso, tinha de ter cuidado com tudo o que parecesse serem erros em matéria de fé. Por outro lado, nesse tempo vivia-se em clima de autoridade que se estendia até às opiniões científicas. A esse respeito é de notar uma frase de Garcia de Orta: Ruano chama em seu auxílio a opinião de Serapío que citara os helénicos, e Orta responde: «Fez isso porque avia medo de ser contra os Gregos; e não vos maravilheis disto, porque eu, estando em Espanha, não ousaria dizer cousa alguma contra os Gregos,» (II, 83, 84).

Diz o Conde de Ficalho, em Garcia de Orta e o seu tempo, que esta frase é sem dúvida a mais notável de todo o livro porque mostra que os Colóquios só puderam ser escritos por uma pessoa que era perfeitamente conhecedora da ciência da época, que dominava os conhecimentos científicos europeus, mas com independência de critério suficiente para poder verificar quando eram falsas ou menos verdadeiras as opiniões anteriores.

Físico del Rey, fora Professor de Universidade em Lisboa naquilo a que hoje chamamos Faculdade de Medicina. Conhecia a ciência médica do seu tempo, haja em vista as citações bibliográficas que se encontram por todos os Colóquios. O Conde de Ficalho cita 53 autores, entre antigos e modernos, alguns destes bastante recentes para a época, o que mostra que Garcia de Orta mantinha relações científicas, ou, pelo menos, tinha alguém

encarregado de lhe mandar as novidades, naquele tempo em que a viagem para Goa podia demorar um ano. Bom observador e experimentador, pôde facilmente verificar a diferença entre aquilo que conhecia pelos livros e o que aprendera por experiência.

Daí a evolução de um espírito crítico que lhe permite poder afirmar: «que nestas cousas da Índia souberam mais os Arabios, ou por melhor dizer erraram menos que Gregos» (II, 333) o que, no tempo, na Europa, poderia parecer quase uma heresia. . .

Quando não sabia, como no caso da *baçaraga* cuja fruta se chama *mirabixiz* em que diziam a raíz era veneno mortal e o fruto era contraveneno para a mesma raíz, Orta afirma: «. . . deixemos isto para quem millhor o souber; porque eu vos prometo que ey de tirar grandes inquirições. E crede que vos ey falar verdade, ou ao menos será ella bem examinada» (II, 401).

Orta viveu muito tempo na Índia e lá morreu. Não sabemos quais as razões que o levaram a ficar quando saíu o seu amigo e protector Martim Afonso de Sousa. Nos Colóquios refere sempre as suas opiniões que são mais válidas «como testemunha de vista» (II, 208), mas neles pouco encontramos das suas andanças, ou da vida de Goa mas, mesmo assim, podemos reconstituir por intermédio dos Colóquios algo da vida da cidade e da Índia relacionada com os portugueses.

Naquela sociedade goeza em que se misturavam as mais diversas raças e costumes, na parte feminina, dominavam, ou pelo menos eram em grande quantidade as *solteiras*, palavra que nessa altura designava mulheres de costumes soltos. Algumas eram muito ricas, cheias de ouro como diz Gaspar Corrêa. Orta fez-nos entrar na intimidade duma delas, a que ele chamou Paula de Andrade, a quem tinha sido dado *Datura* por uma escrava, droga usada como entorpecente e que, segundo Orta, quando ingerida em pequena quantidade não fazia mal (II, 296).

Parece que Orta quiz mostrar um dos quadros negros de Goa. A *Datura* que neste caso foi dada pela escrava para tirar os sentidos a Paula de Andrade e a poder roubar sossegadamente, parece ter sido usada para fins diferentes: as mulheres davam-na aos maridos para estarem sossegadas enquanto eles estavam sob o efeito da droga.

Para o mesmo fim, isto é «para se esquecerem» (I, 97) «usavam

os grandes capitães *banque, anfiã* que é o *ópio*, para poderem dormir. Também as mulheres «quando hião ver algum homem, para estar com choquarerias e graciosas o tomavam» (I, 97).

Mas se a *Datura* não fazia mal, já o mesmo não sucedia com outras substâncias que eles empregavam e que eram conhecidas pelo nome de peçonha, porque essas matavam. Assim quando Ruano pergunta para que quer esse rei (Nizamoxa) *amomum*, Orta responde que por entrar no *mitridato* que «elle usa muyto porque se teme da peçonha... porque os reys (ou melhor dizendo tiranos) desta terra jogatãolha muyto os irmãos com peçonha» (I, 61). A propósito de anti-peçonhentos cita a *pedra de fel de porco* e diz: «eu a experimentarei muytas vezes, porque a peçonha é acostumada muito nesta terra» (II, 383) e adiante afirma: «Se me vier à mão eu vo-la darei... porque por mais mézinhas que haja contra a peçonha, mais sam necessárias; e também parece ser que em Roma teria esta pedra mais valia» (II, 384). Curiosa afirmação para o tempo que em Roma a peçonha era arma vulgar contra as pessoas importantes.

E ainda quanto ao uso desta na Índia, segundo Camilo Castelo Branco, conta Frei Luís de Sousa, na *Chronica* de S. Domingos um caso passado em Goa poucos anos depois de ter morrido Orta. Uma viúva de fidalgo português, senhora mal servida de fama, como diz Camilo, apaixonou-se por Frei João Lopes, que, além do mais era grande pregador. Não vem para aqui toda a história. Quem quiser vê-la encontra no livro *Cavar em Ruínas*. O que interessa é que por Frei João Lopes não ter correspondido aos amores impuros da dissoluta dama, morreu empeçonhado, como diz Frei Luís de Sousa, «ficando-lhe por todos os membros manifestos signaes della (peçonha) em grossas pintas negras». E assim, segundo ainda Frei Luís de Sousa, foi «mandado ao céu por raiva e engano de uma malvada fêmea».

Mais que uma vez Orta se refere a comidas ou drogas que usam para mastigar, coma o *betre*, ao gosto que elas têm, que é agradável para uns e desagradável para outros. A propósito da *Assafetida* ou *altiht*, diz: «Pois sabey que a cousa mais usada... em toda a Índia... he esta *assafetida* assim para mézinhas como para cozinha» (I, 79). Diz que a usam em quase todas as qualidades de comidas, que a comem todos, «e he adubo ou salsa»

(I, 79). Afirma ter provado os bredos cosinhados com ela «acheyos algum tanto aprazíveis a meu gosto» (I, 80) e continua ; «não vos maravilheis muito disto, que a cebola e o alho tem máo cheiro, e os comeres adubados com elles muito bom : e também vos sey dizer que os costumes dos cheiros vos fazem que vos sejam mais aprazíveis, como de mim sey que o *betele*... a todos os que o comem cheira muito bem, e a mim muito mal, não mais senão porque o nam posso comer» (I, 80). Cita a seguir a cura de um cavallo com *yngu* (*assafétida*) feito por um portugûes que o vendeu ao rei de Bisnaguer que lhe perguntou como o tinha curado e como lhe respondesse que tinha sido com *yngu* disse o rei: «não te maravilhes disto, porque lhe deste a comer o comer dos deuses» (I, 81) ao que o portugûes atalhou «que mi-lhor lhe chamara manjar dos diabos» (I, 81), mas como bom negociante, disse isto em portugûes e em voz baixa, não fosse estragar o negócio.

Ainda a propósito do *betre* (*betele*), a respeito do uso constante por toda a gente afirma: «Só duas pessoas vi que avorreciam este *betre*, e o não podiam comer; e eu sam hum delles, e o outro era um físico arabio de Nizamoxa» (II, 390).

A principal virtude do *betre* segundo Garcia de Orta, que aliás lhe adscrive diversas, é «fazer bom cheiro» (II, 391) porque «he entre elles tam avorrecido cheirar mal o bafo, que se falam os menores com alguma pessoa de autoridade, tem a mão adiante da boca hum pouco afastada... e asi a mulher que ha de tratar de amores nunca fala com o varão sem que o traga mastigado na boca primeiro» (II, 392). Mas «nam o comem alguns dias os que perderam pay ou may, e... em alguns grandes jejuns» (II, 392). Alguns ainda o misturam com «*canfora de Borneo, almisque-re, ambre*» (II, 390) ou mesmo com «*cardamomo ou cravo*» (II, 392) que era também usado sózinho para mastigar e dar bom odor; «as mulheres prezam-se muito de mastigar *cravo* para lhes cheirar bem a boca, e nam tam sòmente as Indianas, mas também as Portuguesas (I, 365) «O cheiro do *cravo* sei dizer que he o mais suave e o melhor do mundo, em especial de longe» (I, 366). Assim se percebe que, o cravo fosse uma das especiarias mais importantes que de Goa vinha a Portugal.

Várias vezes se refere Orta às «Vodas de Venus» o *betre*

«he principal alcoviteiro» (II, 392), «e os Índios comem esta semente ou as folhas pisadas para agradarse e comprazer as mulheres» (I, 96), «As *cubebas* são amigas de Vénus» (I, 292), e a respeito de figuos (bananas) «...excita a deleitação carnal» (I, 330). Quando trata de *anfiam* (ópio) afirma: «Eu vos direi para que aproveita se me derdes licença, porque a matéria não he muyto limpa, em especial dita em português» (II, 173).

Um dos costumes mais interessantes, a meu ver, que Orta refere no seu livro é o amor dos indianos às flores. No Colóquio sexto do «árvore triste» tem o seguinte: «Ruano. Pois dizey o nome e proveito destas flores, se he somente para cheirar? Orta. Para cheirar nam serve tanto, porque aquellas flores... chamadas *mogoy* cheirão melhor que frol de laranja... Ruano... e a gente desta terra he muito dada a cheiro... Orta. He o em tanta maneira que deixa de comer o que tem para o gastar em cheiros, asi como *sandalo*... e *linaloe*, e quem mais pode *ambre* e *almisque* e *algalia*... e outras flores ha... ditas *chamy*... e vay em tanto o gosto destas flores que me afirmam que em Bisnaguer rendiam os cheiros e fula a elrey 5000 pardáos; e... em Ormuz os trabalhadores que ganham de comer a carretar fato, compram os cheiros para se untar de noite e deixam de comer» (I, 69-71). E, na parte final, torna a falar «do árvore triste» referindo a lenda indiana da rapariga que se enamorou do sol que, finalmente a abandonou. Matou-se, foi queimada e nasceu a árvore e «as flores de tal árvore avorrecem ao sol que em sua presença não parecem» (I, 71). Com a mais fina ironia para com os antigos, termina «e parece ser que Ovídio seria destas partes, pois compunha as fabulas assi deste modo» (I, 71).

Também interessante e, até certo ponto actual, é a comparação entre as frutas indianas e as europeias.

Já vimos o que se passava com certos comeres, com o *betre*, o *cardamomo* e outras plantas aromáticas. Quando refere os *doriões*, Orta diz: «Eu não a provei .. ouvi que sabem bem, e outros dizem o contrario... que no princípio cheiram a cebolas podres, e desde que os vindes a gostar, vos sabem muito bem... dizem que hum mercador vendeo a nau e ellas (as mercadorias) para comer em *doriões* somente» (I, 279-98).

A respeito das *mangas* conversam Orta e Ruano e aquele diz:

«e certo que ha alguns portugueses tam pertinazes, que querem antes morrer que confessar que ha cá alguma fruta igual à de Portugal, havendo ca muytas frutas que lhe fazem vantagem, asi como são todas as frutas de espinho, porque os limões de cá são tão grandes que parecem cidrões...; e as cidras são muito melhores e mais tenras; e as limas muito mais melhores; e quanto às laranjas excedem em grande maneira a todas as nossas» (II, 101). Ao que Ruano responde: «Eu vos confesso que todas as frutas de espinho sam milhores: ...mas as outras frutas, que cá tendes na Índia, se sam louvadas, he porque não tendes boas uvas e bons figos e peras e camoesas...; de maneira que estas vossas se podem chamar boas, à falta de outras milhores» (I, 100). A seguir aparecem as *mangas* para serem provadas, Ruano convence-se que são realmente boas, depois de as comer, «cortadas com facas muyto agudas porque se nam dane o corte» (II, 102), «deitadas em vinho cheiroso» (II, 102). Em seguida Orta descreve os lugares onde há as melhores e dá outras indicações para as comer: «Em conserva de açucare, em conserva de vinagre, em azeite e sal; recheadas dentro com gengivre verde e alhos; salgadas, cozidas» (II, 103). Como se vê, no tempo de Garcia de Orta as mangas comiam-se das mais variadas maneiras, desde aquilo a que poderemos chamar ao natural, até cozinhadas e condimentadas com diversas especiarias.

Confesso que, pessoalmente, tenho àcerca das mangas opinião muito próxima da de Garcia de Orta. No entanto admirame que Ruano se deixasse tão rapidamente convencer, a não ser que as mangas de Goa, que sempre tiveram fama, fossem bastante melhores que as de África. No entanto, que eu saiba, na actualidade, em África só se comem ao natural. Pode ser que se tenha perdido um segredo de culinária interessante...

Esta conversa entre Ruano e Orta faz lembrar aquilo que ainda hoje se passa nos países tropicais, entre aqueles que podemos chamar lusotropicalizados, e os lusos que, pela primeira vez vão à África. Saudades das frutas europeias, falta de interesse pelas frutas africanas, a que depois se habituam, e passam a gostar. E, é interessante, que é fácil assistirmos a um colóquio parecido, a propósito das próprias mangas e outros frutos de

África. É, a meu ver, mais uma faceta que mostra bem a maneira segura como Orta apreciava gostos e costumes.

Sendo os Colóquios aquilo a que poderemos chamar um livro de Farmacognosia, descrição dos simples e drogas orientais, como vemos é também repositório de vários factos da vida de Goa. Apreciações sempre correctas e justas.

Orta tinha grande amizade com diversos frades das Ordens religiosas de Goa: Jesuítas, Dominicanos e Franciscanos. Sobre estes assuntos mostra-se sempre respeitador. No Colóquio 27, entra à presença de Orta e Ruano, uma serva que diz: «Esta ahi hum moço dos frades de Sam Francisco com hum cesto», ao que Orta responde: «Não será cheyo de cousas para comer, pois sam frades que tem necessidade» (II, 17), o que mostra que mesmo em Goa, no meio de toda a riqueza, havia «frades que tem necessidade»...

Mas também, embora raramente, se insurge contra eles, quando tratavam algum assunto que não entendiam e se atreviam a corrigir os mais sabedores. De uma das vezes, Ruano, cita opiniões de matéria médica dos frades italianos, e Orta responde: «Não queria que os frades reprehensores senão no pulpito» (II, 54).

Como aliás afirmei logo de início é muito difícil falar hoje de Garcia de Orta. Repete-se e repisa-se tudo o que foi dito anteriormente. Nos Colóquios, trata dos simples e drogas, foge de dar indicações acerca do modo de as usar, a não ser quando as supunha novas ou a doença pouco conhecida, como succede, por exemplo, no Colóquio 17, em que se refere à *colerica passio*, distinguindo-a bem do colera europeu.

A sua preocupação constante é, realmente, a descrição das plantas, a maior parte das vezes feita de modo a poderem-se identificar. O cuidado em citar os nomes porque elas eram conhecidas, quer pelos outros autores, quer pelos naturais, ajuda muito a esta identificação. Por outro lado, os livros citados nos Colóquios e que deviam ser propriedade de Garcia de Orta, referem-se, na sua maior parte à matéria médica e à Botânica com ela relacionada.

No Colóquio 36, dá indicações do modo como tratam os médicos nativos. Depois de indicar um certo número de prescrições que os indianos não costumavam seguir e terminar por

dizer na crítica que faz: «andam per huma rua, e a todos curam com hum frasquinho que trazem», Ruano adverte: «segundo mostrais em vossas palavras mal estais com essa gente: ei medo que vos dêem peçonha». Ao que retorquiu: «Antes estam todos bem comigo... deixo os curar quantas curas me tomam, e preguntolhes primeiro o que lhes ande fazer, e se he mezinha que eu conheço ser boa, ou que não fará mal, digolhes que usem della... se he má, defendolha; e se... não sey se he boa ou má... também lha defendo» (II, 138).

Este processo de tratar os doentes não era concerteza por preguiça, como o próprio Orta afirma, mas antes por ter verificado quão difícil é desarreigar hábitos e costumes. Em referência ao seu amigo Nizamoxa, diz: «Elle vontade tinha de se curar a nossa maneira; mas o costume da terra esta muyto em contrario e he mau de arrincar» (II, 141). Ainda em apoio desta afirmação cita o caso de um rapaz que precisou de tratar às escondidas, para depois mostrar que o método que utilizava era o conveniente para essa doença.

É certo que nem sempre trata destes assuntos. Descreve plantas não medicinais, fala de usos, cita cidades que visitou como físico do rei. Quando trata de plantas aromáticas ou comestíveis tem, muitas vezes o cuidado de dizer, como no Colóquio 6.º do árvore triste: «E pois isto não he cousa medicinal, passemos avante» (I, 72), no Colóquio do Ber, «Eu não queria que gastássemos um capítulo em cousas que nam sejam de ciencia» (I, 119), no Colóquio 7, «Anil nam he simples medicinal, senam mercadoria, e por isso nam ha que falar nelle... E porque he muito grave cousa hum filosofo estar mais nisto... leixemos o anil aos contratadores» (I, 86, 87).

A este respeito no Colóquio em que trata de *canela* Orta apresenta uma opinião que só foi retomada muito mais tarde pela ciência soviética, embora no seu tempo fosse facilmente admitida. É a seguinte: «as plantas como a fruta nunca foram tantas como agora são; porque as enxertias fazem diversidade nas frutas, e porque o transplantar de uma terra à outra faz também diversidade» (I, 203).

Com o que não é possível concordar é com a nota do Conde de Ficalho a esta passagem quando diz «... poderíamos contá-lo entre os precursores de Darwin».

Ora, para Darwin, o meio não influenciava directamente as espécies, quem admitiu isso foi Lamarck, e quem aceitou que a enxertia era origem de novas espécies foi Mitchourine e Lyssenko, já meado deste século.

No tempo de Garcia de Orta estas ideias eram vulgares, mas a discussão do assunto levar-nos-ia longe e não é para aqui.

O Conde de Ficalho admite, e por tudo quanto se lê parece ser certo, que Ruano não é pròpriamente um interlocutor fictício. Embora não fosse real, no sentido de ser uma visita de Garcia de Orta, era real porque corresponde àquilo que Garcia de Orta pensava quando foi para a Índia, cheio de ciência que lhe ensinaram e que ele transmitira algum tempo em Lisboa. O Orta dos Colóquios era o estudioso, que depois de conhecer as coisas pelos mestres as aprendera por si, cotejara o saber livresco com que tinha ido de Portugal com os factos que lhe apresentavam, tinha tirado conclusões e ensinamentos e corrigido os verdores da mocidade. Toda a curiosidade de Ruano, era a do próprio autor quando desembarcou na Índia, em que tudo era diferente, o clima, a vegetação, os costumes, tudo, enfim, que tinha sido o meio em que se movera. O Orta dos Colóquios é o homem amadurecido pelo tempo, que sem ser pròpriamente um precursor da dúvida metódica, tipo cartesiano, soubera superar-se e conseguir o equilíbrio.

Por tudo isto podemos aceitar como verdadeira a hipótese do Conde de Ficalho e ainda, em minha opinião, pelo facto de interlocutor, Ruano, ser um graduado espanhol. Foi em Espanha, como vimos, que Orta recebeu a instrução universitária e alcançou o grau. Parece-me natural que, quando pretendeu corrigir a matéria médica do seu tempo utilizasse no diálogo, um personagem que era o representante da ciência que tinha aprendido

Uma conclusão podemos tirar. Os Colóquios são o resultado de uma instrução universitária de primeiro plano para o seu tempo. Sem isso talvez que a vida de Orta em Goa não desse origem a esse livro, que é a sùmula da matéria médica que tinha aprendido e ensinado e, ao mesmo tempo, o resultado da experiência de quem a possuía e que, por isso podia reconhecer quais os defeitos e o modo de os corrigir.

«Mal se compreenderia, que um punhado de aventureiros, igno-

rantes e rudes, levados unicamente pelo seu arrojo, podessem devassar os segredos do mar desconhecido, dobrar o grande cabo, correr o Oriente, e deixar por toda a parte a marca indelével da sua passagem, na língua, na religião e nos costumes. Os portugueses foram grandes porque eram instruídos. Reportando-nos ao seu tempo, nós vemos que os portugueses não só acompanharam como precederam o movimento científico», diz o Conde de Ficalho em Garcia de Orta e o seu tempo (201-02). E podemos concluir que a ocupação do ultramar foi levada a cabo, como diz Carlos França «por um povo de heróis orientado por uma pleiade de sábios» (Os portugueses do sec. XVI e a História Natural do Brasil).

Entre esta pleiade de sábios sobressai indiscutivelmente Garcia de Orta, Licenciado em Medicina, físico de El-Rei, Lente da Universidade de Lisboa, que partiu para a Índia em 1534 e lá se finou por volta de 1568. Em 1563, publica os «Colóquios dos Simples e Drogas he cousas medicinais da Índia», que marca, na história da Farmacognosia pela solução de alguns problemas da matéria médica da época e como precursor da ciência moderna. Dele, Fluckinger, médico e professor suíço disse: «Os Colóquios terão sempre um lugar de mais alta honra na história da Farmacognosia».